

# Bibliografía Africanista Brasileña

YYAKEMI RIBEIRO

Universidade de São Paulo

DOPAMU, P. A., *Exu, o inimigo invisível do homem. Um estudo comparativo entre Exu da Religião Tradicional Iorubá (Nagô) e o Demônio das Tradições Cristã e Muçulmana*. São Paulo, Ed. Oduduwa, 1990.

Quem é Exu? Importante personagem da Tradição Iorubá, cultuado e reverenciado nos rituais afro-brasileiros. Personagem controversa, sobre quem muito se escreve ou fala. Mas o que dizem os próprios iorubás poucos sabem. Por isso este livro é fundamental: escrito por um iorubá fortemente vinculado às tradições de seu povo, apresenta os verdadeiros fundamentos do pensamento e da prática africana relativos a essa entidade espiritual. E de leitura indispensável por parte dos adeptos e simpatizantes das religiões afro-brasileiras.

No mito cosmogônico iorubá Exu desempenha relevante papel, sendo ainda, herói de muitos outros mitos, frequentemente associado a Orunmilá, o deus da Sabedoria. Criado por Olodumare, a Divindade Suprema, participou da criação do mundo e permanece tendo papel ativo no jogo das forças cósmicas. A controvérsia a respeito desse ser decorre, principalmente, da ignorância por impossibilidade de acesso ao conhecimento autêntico das tradições africanas. É necessário o conhecimento das origens para que nossa prática e nosso discurso sejam coerentes e bem fundamentados. E das raízes que deve vir a seiva nutridora. Apenas por servir de elucidador para os adeptos e simpatizantes das religiões e práticas afro-brasileiras, este livro já teria sua publicação justificada. Mas ele vai além disso.

Por comparar o Exu da Religião Tradicional Iorubá com o Demônio das Tradições Cristã e Muçulmana, interessará também a cristãos, muçulmanos e apreciadores de temas religiosos em geral.

O autor define a situação humana como de inevitável luta, sem tréguas, contra um inimigo invisível que, artiloso e hábil, arremete sem descanso. Os termos utilizados —estratégia, luta, inimigo— denotam a luta. E esta se trava entre o Bem e o Mal, em dois campos de batalha articulados: o visível, na vida de relações sociais e o invisível, no íntimo da cada um de nós: o Maligno «*é uma realidade externa, bem como um demônio psicológico em nós, tendo ainda, relação com o Demônio das Escrituras*». A vitória do Bem é a união e a do Mal, a ruptura: «*a cabeça do complacente não quebra, o prato do complacente não trinca*».

Finalmente, por tratar de personagens da tradição iorubá e outros, bíblicos e alcorânicos, este livro apresenta heróis míticos, o que faz dele, campo de interesse para apreciadores e estudiosos dos mitos.

O autor, Prof. Dr. Ade Dopamu, iorubá nascido e residente na Nigéria, completou seu doutorado em 1977, com a Tese «*A Prática de Magia e Medicina na Religião Tradicional Iorubá*». Pesquisador de Religião Tradicional Africana em geral e Religião Tradicional Iorubá, em particular, ministra cursos de Religião Africana e Estudos de Religião Comparada, sendo responsável pelo Departamento de Religiões da Universidade de Ilorin. E co-autor de vários livros, entre os quais, *West African Traditional Religion* (Ibadan, Onibon-Oje, 1979). Possui várias publicações em jornais científicos de projeção internacional.

Lemos neste livro: «*O conhecimento é útil, mas não constitui sabedoria. Sem sabedoria, o mero conhecer é perigoso*». Sendo o conhecimento, entretanto, um passo indispensável rumo à sabedoria, aqui está, nas mãos do leitor brasileiro, o trabalho que nosso irmão africano Ade Dopamu realizou, com o intuito de participar da construção de um melhor destino para a humanidade.

SALAMI, S., *Mitologia dos Orixás Africanos. Xangô, Oya, Oxum e Obá*. Coletânea de Adúrà (Rezas), Ibà (Saudações), Oríkù (Evocações) e Orin (Cantigas) usados nos cultos aos orixás na África. (Em iorubá, com tradução para o português). Volumen I. São Paulo, Ed. Oduduwa, 1990.

Participando dos rituais de candomblé em São Paulo, podese observar que as cantigas entoadas, as rezas e louvações, enfim, todas as formas verbais de contato com os orixás, têm por veículo um idioma que se mostra estranho tanto para brasileiros como para nigerianos. O sentido das palavras iorubás foi se perdendo com a passar do tempo, uma vez que a cadeia de transmissão oral no Brasil não conta com o suporte dado pelo contexto cultural e lingüístico, como ocorra na Nigéria.

Simultaneamente, nos espaços abertos para os estudos de língua e cultura iorubá —encontramos um grande número de pessoas oriundas das casas de candomblé, todas sedentas de aprender bem e o mais rapidamente possível, a linguagem dos orixás.

Aprender é desejado e necessário. Mas aprender com quem? Aprender onde? E possível encontrar esse conhecimento em livros? A consulta bibliográfica rapidamente evidencia que o conhecimento útil à prática dos rituais e a uma compreensão mais profunda de seu sentido espiritual, não se encontra ali. Alguns livros contêm realmente, muitas informações úteis e esclarecedoras porém, mostra-se bem pequeno o número de obras confiáveis porque, a pesar de indiscutível boa intenção de seus autores, sua condição de «estrangeiros» lhes impõe limitações difíceis de superar.

Além disso, quando se trata de temas relativos à África, contamos com uma dificuldade adicional: a atitude colonialista que infelizmente ainda marca muitos de nós. O colonialismo intelectual evidencia-se fortemente na atitude frequentemente observada de privilegiar autores europeus e americanos em relação aos autores africanos. Como se ao homem africano coubesse desde sempre e para sempre o papel de estar dançando, cantando, cultuando, plantando, colhendo, estabelecendo relações sociais e assim por diante, sempre na condição de objeto de alto interesse científico de europeus e americanos, tidos por verdadeiros sujei-

tos do conhecimneto. Como se fosse impossível ao homem africano realizar com seriedade o estudo e a reflexão sobre sua própria sociedade e sobre sua própria cultura, apesar das fortes evidências em contrário, tais como o grande número de publicações de autores africanos em todo o mundo, muitas com apoio da UNESCO.

Na realidade, a permanência em bibliotecas mostra-se pouco compensadora porque o conhecimento pretendido não está guardado em livros e sim na memória de algumas pessoas da sociedade tradicional iorubá. Os guardiães do conhecimento retêm em suas memórias, retêm em si mesmos, como preciosas caixas, o tesouro dessa cultura repleta de princípios de sabedoria. J. Ki-Zerbo refere-se à tradição oral, como um «*verdadeiro museu vivo... A história falada constitui um fiode Ariadne muito frágil para reconstituir os corredores obscuros do labirinto do tempo. Seus guardiães são os velhos de cabelos brancos, voz cansada e memória um pouco obscura... Cada vez que um deles desaparece, é uma fibra do fio de Ariadne que se rompa, é literalmente, um fragmento da paisagem que se torna subterrâneo*». Daí, a necessidade de proceder à coleta e ao resgate da tradição oral e registrála. Para que um grande número de pessoas tenha acesso ao conhecimento.

Com esta introdução pretendi caminhar rumo ao assinalamento de um dos contextos aos quais pertence esta obra: ao fazer um registro fiel de importantes elementos da tradição oral iorubá, cumpre dupla função. Traz aos leitores conhecimentos necessários às suas práticas e reflexões es, simultaneamente, integra um conjunto muito amplo de coleta e registro da tradição oral, que vem se realizando nos últimos anos na Africa, com o intuito de reconstruir a história, através do resgate de falas e fatos.

Vansina, escrevendo sobre «Tradição Oral e sua Metodologia», na obra *História Geral da Africa*, afirma que em todos os países africanos está se processando uma coleta de tradições orais e que estas têm comprovado seu valor insubstituível, sendo necessário, mais que nunca, proceder à sua publicação. E Hampate Bâ, a mesma obra, escrevendo sob o título «A Tradição Viva», enfatiza a importância da palavra no contexto africano. Diz ele que, do mesmo modo que a fala divina animou as forças cósmicas que dormiam estáticas no homem, por ocasião de sua criação, assim pode a fala humana colocar em movimento forças que estão estáticas nas coisas. «*Nas canções rituais e nas fórmulas encantatórias, a fala é, portanto, a materialização da cadência. E se é considerada como tendo o poder de agir sobre os espíritus, é porque sua harmonia cria movimentos, movimentos que geram forças, forças que agem sobre os espíritos que são, por sua vez, as potências da ações... As palavras sagradas e encantatórias, transmitidas pela cadeia de ancestrais, palavras que podem remontar às primeiras vibrações sagradas emitidas*» pelo primeiro homem, são guardadas pelos mestres iniciados.

Este livro encontra, neste contexto, um lugar de grande relevância e, a meu ver, trata-se de obra necessária, há muito desejada pelos devotos dos orixás. Escrito com a intenção primeira de responder à necessidade e ao desejo dessas pessoas, pois, conforme diz o autor: «*A fé e o interesse dos brasileiros estão entre os principais motivos que me levaram a escrever uma série de livros a respeito dos orixás*», será também do interesse de estudiosos ou apreciadores da cultura africana em geral e iorubá, em particular. Os belíssimos *ibà*, *àdùrà*, *oríkù* e *orin* (rezas, saudações, evocações e cantigas), formas poéticas da tradição iorubá cumprem múltiplas funções: revelam os «segredos» dos orixás ao cantarem suas qualidades e seus feitos, instruem a respeito da forma correta de cultuá-los, trazem rico material para análises de caráter histórico, antropológico, sociológico e psicológico e ain-

da, proporcionam deleite aos apreciadores de poesia. E, no relato dos mitos de orixás encontramos espelho para o autoconhecimento. Como diz Rubem Alves, *«Leito o texto, ouço a estória: falam dos feitos antigos, acontecidos em terras distantes. Mas não... Meu corpo reverbera, treme... A estória é minha., E o meu destino que aparece contado nos intervalos dos feitos... Em cada um mora um mito único que precisa ser aprendido... mas há outros mitos de mares grandes e horizontes sem fim... Estes mares nos falam de outras origens e de outros destinos. Como são pequenos os mistérios das baías e enseadas que se escondem em meu corpo e nome. Agora, mar aberto, "muitas velas, muitos remos", muitos corpos numa odisséia comun. "E quilha contra as ondas": a pequena canção-biografia se transforma em sinfonia cósmica em que entramos como parte de um coro de vozes infinitas, onde se fundem homens, mulheres, deuses, universos. Não estamos sozinhos. Meu destino não é só meu. Meus risos e dores não são confissões solitárias, mas parte de uma tapeçaria que se chama humanidade»*. Sou Xangô e sou Oya, Oxum e Obá...

O pesquisador, que aqui faz sua estréia como autor, soube ter, como diz Hampate Bâ, *«o coração de uma pomba, a pele de um crocodilo e o estômago de um avestruz —o coração de uma pomba para nunca se zangar nem se inflamar; a pele de um crocodilo para conseguir se deitar em qualquer lugar, sobre qualquer coisa, sem fazer cerimônias e o estômago de um avestruz para conseguir comer de tudo sem adoecer ou enjoar»*. Iorubá entre iorubás, fez perguntas aos que sabem e os ouviu com ouvidos dóceis, pois como lembra Hampate Bâ, o ensino só pode ser dar *«de boca perfumada a ouvido dócil e limpo»*.

Pertencendo à comunidade acadêmica, realizando estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais, o autor é ainda, cidadão da «Sábua Cidade». Compartilha com outros intelectuais o propósito de responder às demandas das numerosas instâncias que ultrapassam amplamente os limites dos «templos acadêmicos do saber» e pretende, com esta apresentação confiável de dados sobre mitos e práticas de cultos aos orixás, colaborar para minimizar as distorções criadas, mantidas ou ainda, ampliadas, no desenrolar do tempo.

O presente trabalho apresenta um relato puramente descritivo: o autor escreve sobre o que viu e ouviu, assumido clara e conscientemente o papel de elo numa cadeia de comunicação. A importância desse elo, na cadeia africana de transmissão de conhecimentos, foi assinalada poucas linhas acima. Neste caso particular seu sentido amplia-se uma vez que a transmissão do conhecimento se faz de uma cultura para outra, de um idioma para outro. Como, entretanto, muitos elementos da tradição iorubá trazidos do passado perpetuam-se, sujeitos às inevitáveis perdas impostas por diversos fatores, poderíamos atribuir ainda, a este trabalho, outra função: a de «resgate da fala», de «recuperação das origens». E esta tarefa possui, para além de seu significado social e religioso, um sentido espiritual maior.

Após situar o autor e sua obra em alguns contextos, resta pouco a dizer. Como Jacques Houart, penso que é muito importante considerar a escala das relações interpessoais e a escala das relações entre os povos, ao tecermos considerações sobre um produção desta natureza. Podemos reconhecer aqui, um ponto de cruzamento: uma elaboração individual, realizada por uma subjetividade particular, com sua originalidade e dinamismo próprios é, simultaneamente, uma produção social. A través das qualidades particulares da subjetividade de um indivíduo —o autor— flui um conhecimento que tem sido necessário a um grupo. Ao autor coube a doce/penosa incumbência de realizar uma pequena tarefa de um grande trabalho. E ele servidor, trabalhando pelo resgate da autêntica fala de

seu grupo, deste lado do oceano. Na busca contínua, paciente, insistente, incansável de informações e da melhor forma de apresentá-las, como uma vela, ardendo sob o forte calor do sol na Nigéria e ao calor ainda mais intenso do impulso de sua própria subjetividade, consumiu parte de si, transformando substâncias do próprio ser em luz.

Um autor é, moitas vêzes, um emissário. Sikiru, enquanto emissário, cumpre sua tarefa, cujo impulso mais profundo brota do desejo, que é o profundo desejo de todos nós, de trabalhar por uma sociedade mundial pacificada.

